



# O especial Mulheres PETROLEIRO



BOLETIM DO SINDICATO DOS PETROLEIROS DO LITORAL PAULISTA - [www.sindipetrolp.org.br](http://www.sindipetrolp.org.br) - Novembro de 2013 - # 87

## 25 de Novembro

### DIA NACIONAL DE LUTA CONTRA A VIOLÊNCIA À MULHER

O encontro do MML (Movimento Mulheres em Luta) em Sarzedo - MG, que contou com a presença de 2 mil mulheres entre os dias 4 e 6 de outubro, entre elas dezenas de petroleiras de bases de todo o Brasil, incluindo uma delegação de petroleiras do Litoral Paulista, tirou como resolução prioritária o dia 25 de Novembro como Dia Nacional de LUTA CONTRA a Violência à Mulher.

Em várias cidades de diferentes estados do país serão realizados atos e distribuição de materiais para conscientizar a população e os trabalhadores que a violência à mulher é um problema que divide a luta dos trabalhadores. A classe trabalhadora deve entender que a violência às mulheres, companheiras e trabalhadoras, enfraquece a luta e afasta as mulheres da vida política, e que isso traz uma consequência grave: o ataque cada vez maior aos direitos de toda a classe pelos patrões e governos.

E afirmamos mais: o índice de violência e machismo que as mulheres estão submetidas não expressa apenas o nível de consciência atrasado e machista da classe trabalhadora no país e no mundo, mas expressa o nível de opressão e exploração cada vez maiores a que estão submetidos todos os trabalhadores do mundo.





## NEM DILMA, NEM GRAÇA FOSTER MUDARAM A SITUAÇÃO DAS MULHERES

Infelizmente, ter uma mulher na presidência da República não representou redução da violência contra as mulheres brasileiras, nem muito menos garantiu a aplicação e ampliação da Lei Maria da Penha. Fato que se comprova pelas estatísticas. No Brasil, no período de 2001 a 2011, estima-se que ocorreram mais de 50 mil feminicídios, o que equivale a aproximadamente 5 mil mortes por ano.

Ou seja, todos os dias cerca de 14 mulheres são mortas por feminicídios (mortes ocasionadas por conflitos de gênero, crimes cometidos principalmente por parceiros ou ex-parceiros decorrentes de situações de abusos no domicílio, ameaças ou intimidação, violência sexual, geralmente em situações em que a mulher tem menos poder ou recursos que o homem). Também não é verdade que ter uma presidente mulher na Petrobrás garante os direitos às mulheres trabalhadoras, ou garante que as mulheres não sofram abusos sexuais no trabalho.

Desde que o Departamento de Mulheres do Sindipetro-LP foi criado,

em 2012, temos recebido cada vez mais denúncias de abuso moral e sexual ao qual as mulheres petroleiras estão expostas nas bases do Litoral Paulista.

Este retorno é resultado direto de ações que realizamos neste período, a se destacar as ações de 8 de março, o 1º Encontro de Mulheres Petroleiras do Litoral Paulista, as mobilizações de junho, 11 de julho e 30 de agosto, além da reunião de preparação para o Encontro do MML (Movimento Mulheres em Luta), realizado em Minas Gerais.

Deixamos claro que **REPUDIAMOS** totalmente qualquer forma de tratamento dispensado às mulheres por seus colegas, supervisores, fiscais ou gerentes, que utilizam suas posições na empresa para agredir, assediar, acuar e humilhar com a intenção de obter vantagens sexuais ou pessoais de qualquer ordem.

E no que depender de nós, mulheres, essas pessoas devem ser demitidas e receber as punições civis e criminais aplicáveis.

### NÃO AO BOLSA ESTUPRO!

Em 2012, o país teve mais de 50 mil casos de violência sexual contra mulheres. Nesse contexto, está em discussão no Congresso Nacional a “Bolsa Estupro”. Este projeto prevê que a mulher estuprada abriria mão do seu direito legal de interromper a gravidez resultante do ato de violência a que foi submetida.

O estuprador teria o nome na certidão de nascimento, como pai da criança, e a mulher receberia uma bolsa por isso. Um verdadeiro absurdo! Nas manifestações de Junho, milhares de mulheres levantaram cartazes contra

esse projeto, que além de não resolver o problema da violência sexual, retrocede na luta pela legalização do aborto no Brasil.

As mulheres trabalhadoras, pobres e negras, são as que estão mais sujeitas a esse tipo de violência, pois são quem andam por ruas mal iluminadas, frequentam os transportes públicos, local aonde ocorrem muitos casos de assédio sexual e estupro, e quem possui menos amparo social e jurídico para enfrentar essa realidade. Também são as mulheres mais pobres e negras que morrem por abortos clandestinos.

# UM CASO GRAVE DE MACHISMO NA BASE DO LITORAL PAULISTA

Queremos fazer uma denúncia à categoria petroleira. Uma denúncia que dá à presidente Graça Foster a oportunidade de colocar em prática seu discurso de combater a discriminação na Petrobrás. E que fornece à categoria mais um exemplo para que se conscientize acerca desse problema grave que acomete não só as petroleiras, mas inúmeras trabalhadoras em todo país e no mundo.

**Recentemente, veio à tona o caso de um petroleiro próprio que se utilizava de sua posição para exigir a contratação apenas de mulheres para os postos a serem ocupados em seu contrato.**

É claro que somente sob esse aspecto não há nada de mal, mas a intenção em contratar mulheres é muito mais doentia. Ele utilizava sua condição hierárquica superior no trabalho para assediar e coagir as empregadas.

Pressionava-as, ameaçando demiti-las ou trocar o local de trabalho, se elas não atendessem “a favores”, como manter relações sexuais com ele.

Não temos condições de precisar o número de mulheres que se submeteram a ele para manter seus empregos ou locais de trabalho e quantas foram demitidas ou remanejadas, piorando muito sua condição de trabalho por não cederem a essa chantagem. No entanto, fica claro que nada justifica a

violência cometida contra essas mulheres.

Queremos deixar claro que não aceitamos nenhuma justificativa para esse caso. Dizer que as mulheres tinham opção de não cederem, que podiam ter “saído fora” ou denunciado, que aceitaram porque queriam, são argumentos que apenas avalizam o crime cometido contra elas.

Enfim, nada disso justifica o fato DELE ter se aproveitado da situação de “superior” para praticar VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES! E nesse caso demissão e cadeia são as consequências para esse violentador e criminoso.

Reconhecer e denunciar os criminosos é uma das ações para combater esses crimes; não podemos continuar justificando esses crimes pela atitude, forma de viver ou se vestir das vítimas. Não podemos permitir que as relações de subordinação permitam essa humilhação imposta às mulheres trabalhadoras!

## DENUNCIE!

Se você está passando por algum caso de assédio moral ou sexual no local de trabalho, ou se conhece alguma companheira ou companheiro de trabalho que está passando por esta situação, denuncie para o Departamento de Mulheres do Sindipetro-LP.

## A GREVE E AS PETROLEIRAS

A greve realizada pela categoria neste ano, se enfrentando com o Leilão de Libra, do governo Dilma, e os ataques da Petrobrás, foi realmente histórica. Colocou petroleiras e petroleiros em luta, numa mobilização que nos encheu de orgulho.

O mesmo vale para as trabalhadoras petroleiras. A participação das mulheres no movimento aumentou e isso pudemos atestar pela presença maior e mais frequente de companheiras nas assembleias da categoria. Sabemos que, infelizmente, os espaços da categoria ainda são majoritariamente masculinos, mas esta greve nos mostrou que é possível, sim, reverter este cenário e possibilitar que as companheiras também participem das assembleias, piquetes e greves de maneira muito mais direta.

Mas para isso é preciso garantir todo o suporte e isso inclui a adoção de creches nas atividades do sindicato, seja nos debates, seja nas assembleias. Isso porque as mulheres ainda sofrem com a dupla jornada, tendo que trabalhar fora e dentro de casa, recaindo sobre os seus ombros os cuidados com os filhos. Com isso, muitas vezes ficam impossibilitadas de se envolver na vida política e sindical.

Reverter este cenário não fortalece apenas as mulheres; fortalece também e, principalmente, toda a categoria e a luta cotidiana contra a exploração e o machismo.

## REIVINDICAÇÕES DAS MULHERES PETROLEIRAS

- ✓ Fim da terceirização, que ataca as condições de trabalho da mulher
- ✓ Banheiros femininos em todos os espaços da empresa
- ✓ Camarotes exclusivos e em maior número às petroleiras embarcadas
- ✓ Política efetiva de combate ao assédio moral e sexual
- ✓ Afastamento dos chefes que assediarem as mulheres petroleiras
- ✓ Uniformes específicos para as mulheres petroleiras
- ✓ Sem discriminação para cargos operacionais “de risco”
- ✓ Creche custeada 100% pela Petrobrás





# ORGANIZAÇÃO POLÍTICA E INDEPENDÊNCIA FINANCEIRA: AS MARCAS DO ENCONTRO

O Encontro Nacional do MML, que aconteceu em Sarzedo (MG) entre os dias 4 e 6 de outubro, começou muito antes de sua realização. A presença de mais de duas mil mulheres foi resultado de uma empenhada fase de preparação. Ao todo ocorreram 25 pré-encontros realizados em dezessete estados brasileiros, marcados pelos debates sobre a violência contra a mulher e a necessidade de organização das trabalhadoras para lutar contra o machismo e a exploração.

Aqui no Litoral Paulista foi realizado o Encontro de Mulheres, preparatória para o encontro do MML em Minas, na sede do Sindipetro-LP, em Santos. Em todos esses pré-encontros estiveram presentes mulheres trabalhadoras da construção civil, metalúrgicas, professoras, bancárias, funcionárias públicas, estudantes, petroleiras, donas de casa e de outras categorias. Algumas das participantes são dirigentes de seus sindicatos e boa parte delas é trabalhadora da base.

A organização política também se refletiu na

organização financeira. O encontro foi totalmente financiado pelos trabalhadores e por suas entidades de classe, como os sindicatos, sem dinheiro dos governos e dos patrões, o que significou um grande esforço das ativistas.

Enquanto a maioria dos movimentos de mulheres é financiado por prefeituras, empresas e diretamente pelo governo, o MML resgata e reafirma a tradição da autossustentação financeira da classe, porque sabe que não há independência política sem independência material.

### **OPERÁRIAS CONSTRUINDO O MML: LUTA E SUPERAÇÃO!**

Operárias da construção civil, metalúrgicas, mineiras, petroleiras e da confecção têxtil marcaram presença no Encontro Nacional de Mulheres. As mulheres trabalhadoras compõem quase metade da população empregada, mas ainda continuam ganhando salários diferenciados e, apesar da legislação brasileira proibir, ainda que exerçam as mesmas funções que um homem nem sempre têm os mesmos direitos e

salários. Quando o machismo se combina com a homofobia, a situação fica ainda mais complicada para as operárias lésbicas e transexuais, que relataram sofrer muito preconceito por estarem “fora dos padrões”, muitas vezes, traduzido em piadas e brincadeiras que vem dos próprios colegas de trabalho.

Os emocionados relatos que foram feitos durante o grupo de debates foi demonstrando que, apesar das diferenças sociais de cada categoria ou da localização geográfica, as demandas das mulheres operárias são muito parecidas. E que o principal inimigo na luta contra a opressão da mulher não são os homens trabalhadores, mas a ideologia machista que divide a classe e somente pode ter fim lutando contra a exploração.

A lição do grupo de operárias foi a superação cotidiana e a certeza que apenas com a organização da classe trabalhadora de conjunto seremos capazes de vivenciar uma sociedade sem opressão à mulher, aos negros e aos homossexuais.